

QUINTA-FEIRA
Lisboa -- 5 de Abril -- 1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

98



sempre

FIXE

semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR & EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDAÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



ECCE HOMO





Os ditos da semana



Macacos filhos de gente

O papá *Diário de Lisboa* descobriu 3 macacos filhos de gente, trez pequenos anatomicamente semelhantes a macacos, que dão guinchos e pulos como se fossem autenticos quadrumanos. E o papá *Diário de Lisboa* espanta-se e chama *fenomeno* extraordinario aos desgraçados garotos, sem se lembrar de que todos nós não passamos de autenticos macacos.

Andamos todos a imitar-nos uns aos outros, aos pulos e aos guinchos, como bons simios que nos presamos de ser e, como os macacos, ainda não deixamos de nos envolver em desordem por causa do côco.

Diante da mesma banana, somos capazes de fazer uma guincharia de ensurdecer, nesta grande, nesta enorme aldeia dos macacos, que é o mundo. E até os mais aperaltados, os mais bonitos, aqueles que julgam que o Chiado não é o Hotel da Barafunda, até esses são perfeitos e completos macacos, a quem só falta o rabo, porque tem a mais do que os nossos irmãos do Parque das Laranjeiras umas caças armadas em Neu-Baton, para lh'o encobrir. E até os ha macacões de rabo pelato.

E quando a gente se dá ares e gíngaa rabona, com um charuto entalado nos dentes, um caquinho no olho e um chapéu na cabeça, até os macacos do Jardim, se riem de nós, de ridiculos que somos.

talvez o leitor nunca reparasse no que tem de grotesco pôr um chapéu na cabeça. Ha lá nada mais comico do que cobrir a cabeça com uma tampa de feltro? Se não fosse o habito em que todos nós estamos de nos vêrmos sempre cobertos, o chapéu seria um objecto intoleravel. E sentimos de tal forma esta verdade que, quando passamos uns pelos outros, tiramos o chapéu. E' um gesto de atavismo que nos ficou

desde os primeiros chapéus, quando a humanidade ainda tinha vergonha de se encontrar com o seu semelhante, com aquele tachinho na cabeça.

E rimo-nos nós dos macacos que não gíngam de rabona e não usam chapéu de côco...

Um barco de lona

O capitão Franz Rohmer, partiu na semana passada, a bordo do seu barco de lona, para fazer a travessia Lisboa—Nova York. A

curiosidade indigena foi debruçar-se na muralha da doca da Rocha do Conde de Obidos para o vêr partir. Cada espectador tinha lá dentro um velho do Restelo, mas a admiração por aquele homem valente, guindava-o quasi á altura de um semi-deus, como se não fosse a coisa mais natural deste mundo, atravessar o Atlantico num barco de lona.

De barco foi Vasco da Gama á India e Pedralvares ao Brazil, e só são celebres porque o fizeram antes que alguem o tivesse feito. Todos

os mais que se lhe seguiram não teem o nome na historia, nem estatua erguida comemorando a sua gloria. Porque é, pois, que o capitão Rohmer é mais illustre do que nós, que já fomos tambem de bote a Cacicilhas?

O *Sempre Fixe* não é nenhum ingenuo que se deixe deslumbrar por estas façanhas.

Assombro seria vê-lo partir de botas de duas solas e bengalinha na mão, como quem vai fazer o Chiado, ou de automovel como quem vai a Cintra. De barco se fizeram todas as travessias atlanticas, porque para isso se inventaram aqueles meios de transporte,

Tambem nós não espantam as minusculas dimensões do bote, nem a materia de que ele é feito. Quanto mais fragil ele for, mais garantido estará o seu exito, porque já lá diz o dictado:—duro com duro não faz bom muro—o que quer evidentemente dizer que mole com mole o deve fazer. E, mais mole do que a lona, é a agua salgada em que o capitão Rohmer resolveu pôr-se de molho, talvez por estar convencido de que é um bacalhau. Cada doido com a sua mania. E depois, sendo o barco tão insignificante, tão pequenino, que mais parece uma casca de nôz, não é natural que o mar, que é tão grande, venha sequer a dar por ele.

Tambem as anemopas, os argonautas e as algas são pequenas e são frageis, e vivem no mar sem que o mar lhes faça mal algum. Pequena é a sardinha e dão-se lá tão bem que só morre quando a põem fóra d'agua.

Já o mesmo se não pode dizer dos grandiosos, dos opulentos transatlanticos que, quando calha, vão parar ao fundo.

E já lá diz a sabedoria das nações—grande nau, grande tormenta.

Em todo o caso, nós não iriamos no bote.

ANTONIO RIBEIRO

(Retardador)



Da arte do silencio fala pelos cotovelos nas «Fitas faladas» e no «Clare-escuro animado», onde, desassombadamente, põe o «preto no branco». A critica cinematografica deve-lhe já uma super-produção literaria de enorme metragem de linguados de papel. Tendo de acorrer a todos os cinemas e de discorrer a correr sobre tantos «films», não receamos que o «Retardador», já de si magro, fique só com pel...lecula e ossol



— Oh! homem. Você está aí tão descansado quando estamos em perigo de ir a pique?
— Está bem. Amanhã leio isso nos jornais.



— E agora, depois do café, um calice do tinto, não é verdade?
— Caramba. Como sabes isso?
— Conheço bem os costumes do patrão.

Uma tentativa frustrada

O Anacleto Silva andava desolado. Tinha experimentado todas as ocupações, todos os modos de vida. Tinha sido tudo quanto um homem pode ser, sem quebra da dignidade, para ganhar o pão de cada dia e... nada!

Já era azar!

Não que ele tivesse mulher e filhos a sustentar; mas tinha a pensão, com a D. Magnífica a exigir-lhe, todos os fins dos meses, a módica quantia de 400 escudos.

E o Anacleto não arranjava nada e cogitava na sua desgraçada vida. Até que, ultimamente, leu num jornal que fora concedido pelo Corpo de Bombeiros um prémio de 5000 á pessoa que primeiro noticiasse qualquer incendio ocorrido.

Foi um raio de luz que entrou no cerebro do Anacleto—o que não admira, tratando-se de incendios!

No seu rosto esboçou-se uma expressão de alegria e prometeu a si proprio, de futuro, explorar a nova profissão de *angariador de incendios*.

Deitou as suas contas: 400 escudos de pensão; 150 de renda do quarto e uns *cobres* mais para cigarros, cafés e *copinhos* a pagar aos amigos, e Anacleto chegou á conclusão de que necessitava de 60000 mensais para a manutenção da sua existencia.

Ora 60000 mensais davam 20000 diários e para ele alcançar essa importância precisava de noticiar, em primeira mão, aos Bombeiros, nem mais nem menos que a bagatela de quatro incendios por dia!

Mas a coisa havia de arranjar-se!

E, então, passou Anacleto a ter uma vida de cansaços e fadigas, calcureando a cidade, por avenidas, ruas, bicos e travessas, de Alcantara á Graça e do Castelo a Campolide.

Quando via sair fumo do telhado de qualquer prédio verificava sempre se era da chaminé, se o indicio de um incendio. O fumo das chaminés dos navios, das maquinas dos comboios, dos escapos dos automoveis, constituia para Anacleto uma esperança de gratificação que, cruelmente, depois se desvanecia.

De noite entrava nos cafés e algumas vezes arregalava os olhos ante um ambiente de fumo azulado que notara; mas—decepção!—era dos cigarros, charutos e cachimbos dos frequentadores da casa!

E Anacleto esmorecia.

Passou, então, criminosamente a lançar *beatas* acésas sobre os calxotes do lixo, nas escadas; mas, como as donas de casa só punham os calxotes á porta á hora do *camion* passar, succedia que o fogo nunca pegava, em vista de as pontas dos cigarros se apagarem sempre com o transbordo do lixo.

Ao fim dum mês de canceiras e cuidados, Anacleto achou-se, mais uma vez, com a responsabilidade da pensão e do quarto e sem ter um centavo comsigo.

Fracassara-lhe mais aquelle modo de vida!

E' que os incendios não se declararam, em sinal de protesto pela exiguidade da gratificação...



—E' como vês, meu velho. Trabalho de noite para pôr o serviço em dia.

OS CRIMES do adulterio

Ha muito que o meu amigo Agapito desconfiava da mulher. Não foi, por isso, grande o meu espanto quando, ao pegar hoje no *Diario de Noticias*, eu vi em letras grandes a noticia dum crime que lhe dizia respeito. O Agapito, julgando-se atraído, assassinara a consorte (nessa altura sem sorte a tiros de revolver, entregando-se em seguida ao guarda nocturno da area.

Fui ontem visitar Agapito ao Limoeiro, porque era ainda cedo e tinha de me entreter até á hora do enterro da esposa. Soube então, pela boca do assassino, como se passara o acto do passamento da mulher.

Emfim, passagens desta vida.

O Agapito, segundo conta, levantara-se de manhã com uma voz interior a prevenir: «Tua mulher enganale, Agapito!» Olhou-a disfarçadamente e pareceu-lhe que tinha estampada no rosto a prova do seu crime. Até a voz do papagaio, que perguntava «Quem passa?», lhe pareceu uma alusão indirecta.

«Quem passa?». Decididamente até o papagaio estava a «passá-lo»!

Agapito atmoçou e safu. Ao primeiro amigo que encontrou contou-lhe a ideia com que andava de voar meia hora sobre Lisboa, no «Junker's», por 100 escudos. E o amigo respondera num tom que ao Agapito pareceu de ironia: «Vais então andar meia hora... sem paus?»

Agapito sentiu o sangue subir-lhe á cabeça, levou as mãos á testa e despediu-se do amigo. Seria então verdade que sua mulher o enganava? Agapito não podia, não queria acreditar!

Conhecera-a humilde vendedeira, de pé descalço e avental roto, mas nunca a suposera capaz de o atrair.

Casou com ela, fez dela «alguem» tirando-a daquela ingrata vida de andar a vender pevides no Parque Mayer, e era esse o pago que ela

dava de tanto sacrificio, de tanto trabalho em vencer a relutancia da familia; dele, para casar com uma vendedeira de pevides. E recorjava-se então da frase de seu pai:—Ela vende pevides, meu filho?—Olha que os habitos da infancia nunca se perdem!

Agapito foi para casa, procurando distrair-se, e afastar de si os pensamentos lugubres que, apesar de tudo, o não abandonavam. Depois do jantar, a mulher propôs-lhe jogarem ás cartas, como costume. Agapito accedeu, e a certa altura, após varias tentativas para fazer o jogo que lhe convinha, a mulher exclamou, muito naturalmente:

—Vês? Estou desde o principio do jogo a prender-te os paus! Agapito levantou-se irritado de tanta coincidência, e propôs ir ao teatro. Enquanto a mulher se vestia, Agapito pegou no jornal. Numa folha dobrada ao contrario, Agapito viu o anuncio do calçado Portugal que diz que «Cada par faz um amigo». Vende o jornal ao contrario, a cabeça avariada de Agapito deduziu:

—Cada par faz um amigo... ao contrario, quer, indiscutivelmente, dizer que cada amigo me faz... Agapito concluiu mentalmente.

Levantou-se, vestiu-se, meteu o revolver na algibeira, e quando a sua mulher voltou já pronta do quarto de «toilette», pediu-lhe para, como de costume, lhe fazer o nó da gravata. A esposa fez-lhe o nó, endireitou-lhe a gravata, pôs-lhe o alfinete com a respectiva moia contra os la-drões, e ao acabar de arranjar exclamou: Quem é que o «enfeitou»? Quem é que o pôe bonito? Ao ouvir a mulher perguntar «quem é que o enfeitou», Agapito não pôde mais, puxou do revolver e, desviado, disparou sem descançar os sete tiros.

Anibal Nazaré.

JULGAMENTOS NA CAPELA DO TOREL



—Sr. juiz-prior, eu não poderia pagar a multa em padre-nossos...

Elevador da Gloria

Os leitores permitem que eu, pela ultima vez, me socorra dos judeus para os fazer rir? Mais duas aneddotas de boa qualidade e de melhor sabor:

Um rabino e um bispo assistem a um grande e lauto banquete, ocupando os lugares de honra, junto da dona da casa, que a historia não reza ser bonita. O primeiro prato é uma planturosa combinação de espinafres com prezunto. O rabino não se serve. Então o bispo, com voz ironica, pergunta docemente:

—Não come, sr. rabino? (O tratamento deve ser outro, mas para o caso pouco importa).

—Não, monsenhor. A minha religião proibe-mo.

—Sinto-o muito por V. Ex.ª Não sabe o que perde!

Terminado o banquete, é o rabino quem primeiro se retira. Contumelias. Ao despedir-se do bispo, diz-lhe:

—Rogo a monsenhor que apresente os meus cumprimentos a sua esposa.

—Mas, senhor rabino: eu não sou casado. A minha religião, impede-o.

—Sinto muito por Vossa Reverendissima. Não sabe o que perde.

* * *

Certo nobre publicou nos jornais um anuncio que dizia:

«Partindo para o Occidente, preciso de um homem novo, elegante, que saiba inglês, francês e português».

A's primeiras horas do dia apresenta-se em casa do anunciante, um judeu muito velho, que diz desejar urgentemente, falar-lhe.

O porteiro não o deixa entrar.

—Diga a seu amo que tenho uma coisa muito importante a comunicar-lhe.

O cerebero leva o recado, e volta á presença do judeu, a quem conduz á presença do patrão.

—Li o seu anuncio, senhor. Como pode ver não sou novo, nem elegante. Devo acrescentar que não sei uma palavra de inglês, nem de francês, nem de português.

—Então para que me veio incomodar?

—Vim apenas dizer-lhe que não posso aceitar o emprego que o senhor me oferece.



—Ha uns que nascem sob uma boa estrela e outros que se deitam de baixo delas.

Lições de zoologia

O homem

O Homem pertence a uma classe ainda por determinar, pois tanto pode ser um *passarão* como um tigre neurastenizado.

Umaz vezes é irracional, outras racional. É bipede ou quadrupede, conforme as circunstancias, e assemelha-se ao papagaio quando discursa.

Distingue-se da Mulher não só por falar menos que ela e nunca poder ser Sogra, como também porque não mostra as pernas. Parece-se com Ela porque fuma, corta o cabelo, etc., etc.

O bicho Homem é muito útil á sociedade, pois faz de político, parvo, aldrabão, cabeça de turco, vítima, assassino e adapta-se muito bem a puxar carroças, em especial a da Carreteria da Vida.

Nesta especie zoologica é frequente encontrar o *Homem-Mulher*, que se distingue perfeitamente da *Mulher-Homem* após uma pequena experiencia para a qual basta uma grande falta de gosto e de vergonha!

Como em tempos um idiota apelidou o Homem de *Rei dos Animais*, o pobre bicho julgou que tinha um imperio na Barriga e armou em reinado no reino da sociedade. Para mais detalhes, aconselho os interessados não a consultar o capitulo Paquidermes dum livro de zoologia, mas a conviver com semelhante bicho!

Rocix.

A opera no Coliseu

Temos opera no Coliseu. O circo, á parte desta casa de espectaculos chamada *pista* deixa de ser o local da diversão para ser principalmente o lugar dos espectadores. As varias especies de artistas que trabalham no Coliseu durante o inverno teem a sua correspondencia nos espectaculos da opera.

Senão vejamos: *Equilibristas* são os ouvintes da opera que fazem verdadeiros equilibrios da imaginação para perceberem certas passagens musicais que a critica classifica de pagina de inspiração. A esta categoria de pessoas pertencem os individuos que não sabem musica e que só teem ouvido as revistas do Maria Vitoria e do Eden. *Lutadores* são os que passam a noite a lutar com o sono porque a musica deixa de os interessar desde o meio do primeiro acto. *Equestres*, os espectadores que se põem quasi a pino na cadeira para tomar bem a medida, com os olhos, das pernas das bailarinas. *Barristas* são os que tapam, os que *barram* as entradas da plateia para apreciarem as damas que estão nos camarotes. Bem se importam eles com a opera!

Agora os numeros de animais em alta escola: *Macacos*, os meninos bonitos que se desengonçam em esgares para agradar á sua «querida». *Cães*, os papás que guardam ciosa-

mente as filhas e que, de sociedade com as mããs, estão sempre de dentuça arreganhada. *Leões e tigres*, os maridos ciumentos que julgam, quando o tenor canta o *Espírito gentil da Favorita*, que ele se está a atirar á esposa. As *focãs* são aqueles assistentes que vão contrariados á opera, chorando o dinheiro do bilhete. Finalmente, os *Ursos* são os espectadores que levam as mulheres ao Othello sem se lembrarem dos varios *lagos* que estão á sua volta com olhos gulosos.

A epoca da opera no Coliseu presta-se a uma observação demorada por parte, principalmente, de quem lá vai para ouvir musica. Nos *fautuils* estão os *snoobs* e os jornalistas que vão lá á *borla*. Nos camarotes recostam-se as mulheres bonitas que já não arranjaram lugar na platela. Na geral assentam-se os *sinceros*, os que vão *ouvir*. É a geral o baluarte dos verdadeiros apreciadores, dos que, durante o ano, amealham para poder ir todas as noites á opera. E, quando dizemos *sinceros*, não excluimos o bom do saloio que vai enganado; julga ir ver os cavalinhos e sai-lhe o *Miserere do Trovador!* E quando o cartaz anuncia *Palhaços?* Então a decepção ainda é maior. Vão para rir, durante a noite não percebem *patavina* e saem a chorar quando a comedia é *finita...*

N. de B.



A esportezza dos nossos leitores

Um sujeito entra no «Leão de Ouro», tenta-se a uma mesa, chama o criado e pede-lhe peixe cozido, sem dizer que peixe quer.

O criado volta dez minutos depois, com pescada cozida e batatas.

O freguez, ao ver a pescada, indigna-se por que o que quer é linguado.

—Não faz mal, diz o criado. V. Ex.^a não tinha dito; mas eu trago já o linguado

Momentos passados, volta, trazendo o linguado com molho de manteiga.

O freguez indignou-se mais uma vez porque não quer aquele molho e, novamente, o criado intervem:

—Não faz mal, V. Ex.^a não tinha dito... mas eu trago já outro molho.

E vem o galheteiro. O freguez acaba de comer o linguado, pede um bife e repete-se a mesma scena, porque o homem não diz que bife quer nem a forma como o quer cosinhado.

Come depois uma banana, bebe uma chavena de café e paga a despesa, dando uma boa gorgeta.

O criado, quando ele sai, diz para um colega:

—Estes bombeiros são muito massadores, mas o que vale é que dão boas gorgetas...

Pergunta-se agora como é que o criado sabia que o freguez era bombeiro?

Pense o leitor um pouco, porque tem de ser o heroi desta anecdotia. Não sabe?

—O homem estava fardado...

AS CONFERENCIAS DO INSTITUTO FRANCEZ



De palanque... «A' vara larga» BOM HUMOR

Num teatro de Lisboa martiriza-se o penar, com alma, febre e delírio bem difícil de encontrar, — d'Aquele que, em negro d'El, e com risos traiçoeiros, Judas levou ao martírio por fracos trinta dinheiros...

Desde que tal começou, o Carlos Alves amigo — que a gente no Sete e meite comia por 3 e 5 parece que por castigo — tanto andou e tanto andou que, após tremenda cancela e trabalhar com afinco, descobriu na Cascalheira um burro todo lido, p'la família tão guardado que nem mesmo o mais pintado será capaz de vêr só. E desde então, o burro, diariamente e com certa presunção, entra na scena contenté — com tanta e tal pretensão que se dirá que ele é gente...

Ora, vai para dez dias, com o fito de evitar bem grandes sensaborias — que muita gente não achis que assim se devam chamar — tornou-se mais rigoroso e mesmo dificultoso entrar p'ra dentro da caixa. Ora, o burro é bem falante, é simpático, galante, mas tem, ás vezes, momentos de tão grandes sofrimentos que toda a gente dirá que neste mundo não ha um burro que tanto pene... E a família que o estremece diz que o burro até parece aquele que conhecemos, porque um dia já o lêmos, do senhor De la Fontaine...

Ha dias, o pobre burro, que ás vezes dá cada zurro que faz tremer muita gente, ia a entrar p'ra o teatro a quatro e quatro... O fiel, é de supór, por causa do tal rigor, disse ao burro, cortezmente: «—Vozencia não pode entrar! Desculpe. Não o conheço...» Eo burro da Cascalheira falou-lhe desta maneira: «—Favores tambem não peço... Como é facil de supór, Julguel que me conhecia. Pois què! Não sabe o senhor que eu pertenco á companhia?!»

Isto dito, o burro entrou e lá foi p'ra o camarim. Fez a sua maquilhagem, pôs pó de arroz, pôs carmim; pois p'ra a scena, francamente, não é decente ir como vem da estalagem...

Já este caso passado, o burro, que é delicado, cumprimentou toda a gente e, reverente, não fôsseo burro faltar ao que impõe a cortezia, vendo o Mendonça chegar, deu-lhe um aperto de mão do fundo do coração; e quando se despedia, voltou-se e disse cortez: «—Já que é preciso lembrar, não se esqueça desta vez; cumprimentos á Benard!»

No Apolo, ao que se diz, lá vamos ter Agua fresca. Veremos se se refresca o teatro, desta vez... Disseram-me esta manhã que a peça, embora modesta, tinha graça muito honesta — a graça que brota, sã, do chafariz da graça de Um, Dois e Três...

Pois queira a Virgem Maria que Agua fresca anunciada, venha menos infectada que a agua da Companhia!

Luis Figueira.

O dr. Mota Cabral, que vocês conheceram á porta da «Marques», ou no «Banco» do Hospital, consoante os azares da sorte, é um ribatejano que não podendo fazer-se «espada» e viver de enterrar o estoque nos «morrillos» dos touros, porque em Portugal não se vive disso, optou por se fazer cirurgião e cortar, com a lanceta, as carniúhas da gente, salvo seja.

Entre corrida e corrida, que é como quem diz, entre operação e operação, foi screvendo «Noite de sonhos», em 1914, «Alecrim», «Medalha» e «S. João», três actos musicados, e «Quadro Ribatejano», aí por 1920. Em 1921 pôs-se serio e fez uma conferencia: «A missão espiritual da enfermagem» e, durante mais algum tempo, andou pelos «ateliers», o que valeu uma exposição de retratos nas Belas Artes, retratos do Soares, do Eloy e retratos de todos os pintores contemporaneos, cujo retratado era sempre o ciganissimo e toureirissimo doutor.

Em 1923 volta-lhe a furia taurina a todo o pano e prega o sermão das «Toiradas na região ribatejana». Em 1925 anseia pelo «Sol», e escreve-o em boa prosa. A nostalgia natal atrai com ele para Valada do Ribatejo e agora manda-nos de lá um livro «A' Vara larga», que é melhor que de «restaurina», em letras lusas, se tem produzido. E' mesmo o melhorissimo, porque melhor que todos conhece o dr. Mota Cabral a terra e os touros que canta, e cantar em tão bom metal como os outros, que por muito que soprassem nos instrumentos, não acertavam com a musica taurina e ribatejana.

Se vocês querem um livro castiço e toureiro comprem «A' Vara larga», e digam-nos depois se os enganámos. Aquilo é prosa em sangue... de touro,

e não estilinho de capilé, como para ai se verte.

«Vaya por Usted», admirado doutor e atire cá para fora com o «Arraial Alentejano» e com o «Luar distante», que nós ficamos á espera.

* * *

Este caso do dr. Mota Cabral, fugindo de Lisboa para o Ribatejo em imperiosa atracção nostalgica e atavica, recorda-nos uma anecdota edificante: Um riquissimo colonial trouxe para a Europa um esperto negriño das suas possessões africanas. Educou-o, fez dele um esportissimo engenheiro e, como não tinha filhos, perfilhou-o.

O engenheiro preto, futuro herdeiro do colonial millionario, gosava da estima da melhor sociedade elegante e tornou-se em figura marcante, mesmo entre os brancos.

Aconteceu, porém, que o feliz perfilhado desapareceu misteriosamente da casa paterna e da cidade acolhedora, e foram baldados todos os esforços do pai adoptivo em busca do preto fugitivo.

Tempos depois, procurando esquecer a estranha desaparición, teve o inconsolavel colonial que ir visitar as suas possessões e deparou, em pleno bатуque indigena, com o espectáculo indecoroso do desaparecido engenheiro, bailando de tanga e em companhia dos seus irmãos de cõr. E, entre lagrimas do fugitivo, ouviu a confissão da força atavica que o fazia, quando na Europa, despir a casaca para bailar á moda negra, impulsionado por uma lei racica que acabou por remetê-lo á origem.

Ora isto que aconteceu com o dr. Mota Cabral, e os que o conheceram á porta da «Marques» podem vê-lo no Ribatejo, bailando o fandango e atraído pela mesma força atavica.

Dr. Ricardo Jorge



Fitas, tudo fitas...

A criada da pitonisa: — A senhora podia-me dizer o meu futuro?

A pitonisa: — Para quê?
A criada: — Como tenho intenção de lhe pedir aumento de ordenado, queria saber se o meu pedido era atendido...

* * *

Ela, que estreou uma «toilette» excessivamente curta: — Olha este vestido. E' um poema!

Ela: — Sim, mas juraria que lhe faltam alguns versos...

* * *

A mulher: — Mario, o dentista tirou-me todos os dentes.

O marido: — O que são as coisas. Tirou-te os dentes, mas deixou-te a lingua...

* * *

— Porque berra aquela creança?
— E' que foi vacinada...
— Por a gritaria que faz, deve ter sido com uma agulha de gramofone...

* * *

Na rua:
— Que frio! Não é verdade?
— Não sei, ainda não vi o termometro...

* * *

O patrão: — Leva este cesto de frutas a madame Costa. E' um pouco pesado para ti?

O marçano, de dez anos de idade: — Dentro em pouco pesará menos...

* * *

O menino prodigio:
— Conheces bem a Biblia, João?
— Sim, mamã!
— O que ha na Biblia?
— Uma fotografia do noivo de Isabel e uma cautela de penhores do relogio do papá...

* * *

No quartel:
O oficial: — Então você não me fez a continencia?
O recruta: — Mas o meu tenente não se recorda que já nos vimos esta manhã?

* * *

— O senhor parece-se imenso com sua mãe?
— Ah! O senhor conhece-a?
— Não, mas é de calcular! Todas as velhas têm a mesma cara...

* * *

A mãe: — Ouve, filho. Esta senhora quer saber se tens alguns bonecos partidos para os dar ás crianças pobres.

Joanito: — Tenho alguns, mamã, mas se essa senhora quizer esperar um momento partirei mais alguns...

* * *

O medico: — Seu marido necessita dum repouso absoluto.
A mulher: — Isso é facil, sr. dr. Amanhã mesmo volta para a officina...

* * *

Ela: — Disseram-me que o senhor faz muito bem ás crianças.
— E' verdade. Sou eu que as faço, mas minha mulher é quem as cria...



— E' como o meu marido que saiu uma tarde em 1920 para ir buscar um litro de leite e nunca mais voltou.

— Ai, vizinha, diga-me onde é essa leitaria para mandar lá o meu Anatólio.

O melhor bocado

(Ao sr. José Amador Rebelo)

O paquete *Cap Ruive* da *Bleck Star Line* tinha naufragado a meio do Oceano.

O helice partira-se, o leme também e os pobres passageiros mandaram para o diabo uma companhia que tão caro levava e que barcos tão deteriorados possuía.

Havia já trinta dias que vogavam sem rumo, ao sabor das vagas e das correntes; a carne e o peixe já apodrecidos no frigorífico eram tragados com ansia e os naufragos lividos e cadavericos nem se reconheciam uns aos outros...

Nesta medonha e aflitiva situação decorreram mais trez dias, até que um fleumático passageiro, Sir Ton Waldonck, que passava o dia rebuscando todos os escaninhos do navio em procura de qualquer coisa que mastigasse e que não perdia uma única refeição de bordo, arvorou-se em orador, subiu para a ponte de comando e, lá do alto botou este discurso aos famelicos passageiros:

—Meus senhores! E' preciso pelo interesse de todos nós que tomemos graves e imediatas resoluções! Se continuarmos nesta situação, morreremos todos por falta de alimentos, o que seria prejudicial para a nossa estimavel saude de ha tempos para cá um tanto abalada! Tanto mais que eu vim fazer uma viagem de recreio e não lirei passaporte para o outro mundo!!!

Ora eu tenho lido na «Historia-Tragico-Maritima» que em casos identicos ao nosso, deita-se á sorte para ver quem terá de se sacrificar pela carcassa alheia... e mais vale que morra um de nós, que morramos todos, o que seria muito estúpido! Não concordam?

Os naufragos calaram-se. Era evidente que o eloquente orador tinha carradas de razão e um passageiro prestavel e serviçal, logo se ofereceu—com a condição de não ser comido, é claro!—para ir recortar e numerar os papelinhos do estilo.

Mas o comandante do paquete, audaz e destemido lobo do mar, não quiz ficar atrás do orador e impoñdo silencio com um gesto decidido e a voz velada pela angustia, disse:

—Meus senhores! Como Sir Waldonck acaba de dizer—e com muita razão—impõe-se a todos nós que tomemos graves e imediatas resoluções; é lícito também que um de nós ou num belo gesto de sacrificio e abnegação, ou porque a sorte o designasse, morresse pela salvação alheia... Mas eu, como capitão do «Cap Ruive» não consinto que tal coisa se dê e seré eu proprio que morreré pela salvação dos meus passageiros... Demais vieram sob o meu comando e responsabilidade!... E, dizendo isto, o bravo comandante ajoelhou e esteve rezando uns minutos... depois, levantou-se e tirando uma pistola da algibeira apontou-a ao craneo disposto a matar-se gloriosamente...

—Alto!! Pare! Suspensão!!...—gritou uma voz aflitiva: era Sir Ton Waldonck que vinha dirigindo-se ao bravo comandante—não dispare! Pela sua rica saudinha não dispare!

—Senhor—murmurou o digno capitão—não costume voltar com a minha palavra atrás e cumprirei sempre com o meu dever...

—Não dispare, comandante, peço-lhe!

—Mas porquê, meu caro senhor?

—Porque vai queimar os miolos que é o bocadinho que eu mais aprecio!!!

Adaptação.

Miguel Bombarda, filho.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores lanchares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Kerta 5582 (à Estofaria)

Curso pratico de aviação literaria

A aviação trata da sciencia de voar.

Ha que a distinguir da sciencia de aviar.

E' um facto reconhecido em Portugal, Ilhas e Colonias, que os farmacêuticos podem aviar receitas que enviam desta para melhor, mas apesar disso, até á data, não têm sido considerados aviadores nem usam as respectivas insignias azuis.

aviadores, outrora, lhes mandavam aviar receitas a fim de lhes aliviar em que havia dores para as quais os aviadores outrora lhe mandavam aviar receitas a fim de lhe aliviar as ditas dores, mas, apesar disso, as duas classes continuam absolutamente distintas, bem como a dos retrozeiros, conquanto esteja perfeitamente averiguado que eles fornecem aviamentos para as obras de alfaiate, não gozam também das regalias da aviação, apesar de colaborarem grandemente na confecção das pelicas e mais adornos de vestimenta dos citados aviadores.

Ex plicada, em principio, o que é a aviação, entremos agora no capitulo da tecnologia.

Esticadores

São os cabos de aço que servem para manter desempenada a fuselagem.

Chamam-se *esticadores*, por que quando se esticam de mais podem reventar e fazer passar ao piloto algumas dores e, ás vezes, até... fazem *esticar*.

Carlinga

E' o compartimento onde os aviadores costumam ir dansar quando ha muito vento.

Não tem nada que ver com a Carlinga que é uma rapariga que ás vezes dança nos clubs com os aviadores, quando para isso lhes dá a *aragem*.

Empenagem

E' um plano que serve para manter a estabilidade. Quando, porém, ha *grosso empeno* costuma não servir para nada.

Montantes

São uns prumos, postos especialmente nos aeroplânos para satisfazer os seus pilotos militares, na maioria officiais de cavalaria, afim de lhe recordar a antiga arma.

Como ha montantes, eles pensam que vão montados nos cavalos do motor.

Rodas

Destinam-se a rolar na via aerea.

Em Portugal, a via aerea, como a via ordinaria, (as estradas) encontra-se perfeitamente esburacada, apesar das reparações a que se tem procedido. E' por essa razão que é vulgar, quando se fala com um aviador, ouvir dizer-lhe que havia muitos buracos no ar.

O governo actual, na sua ansia de fazer grandes obras, pensa, segundo o que se diz, em mandar tapar esses buracos, afim de que a nossa via aerea não nos deixe envergonhado aos olhos dos estrangeiros, com o sucedido com as nossas estradas.

Helice

E' uma ventoinha que vai á frente do aeroplano para refrescar o avião, quando ele, por qualquer dificuldade de pilotagem, apanha o seu calor.

Não se lhe reconhece outra vantagem, senão essa e a de ser bordada nos distintivos.

E' interessante frizar, que tendo os aeroplanos tal comodidade, não possuem também retroetes com autoclismo; como seria para desejar num aparelho moderno.

A grande maioria dos aeroplanos é absolutamente desprovida dessas higienicas instalações, e têm para esse efeito, quando muito, um buraco como qualquer hotel manhoso da provincia, o que não está á altura da sua categoria de maquina dos tempos modernos. Recomendamos o assunto á Propaganda de Portugal.

Condições para ser aviador

Só as pessoas dotadas de ar proprio podem voar.

A diminuição da pressão atmosférica nas grandes altitudes, obriga os pulmões a um trabalho exaustivo para poderem fornecer a quantidade de oxigenio necessario para a boa respiração.

Ora desde que o aviador não seja dotado de ar proprio, as dificuldades são grandes para o vôo.

Entre nós a pratica demonstra a razão absoluta desta exigencia regulamentar.

Os nossos melhores e mais celebres aviadores, são todos eles dotados de ar proprio e é esse um dos grandes factores para o brilho das suas proezas. Vejamos:

Sarmiento Beires lá tem o ar proprio, pois é—S—ar—mento Beires.

O mesmo succede ao tenente-coronel Ar—agão. O capitão Craveiro Lopes tem também ar mas em sentido contrario; em rigor deveria chamar-se C—ar—veiro Lopes. O tenente-coronel Cifka é também Du—ar—te.

E' evidente que o grande sabio Gago Coutinho não poderia faltar á regra e, assim, lá tem o ar de C—ar—los, que é o seu nome de baptismo.

Isto com respeito aos militares, pois para os civis podemos garantir debaixo de palavra de honra, que todos os aviadores civis portugueses têm ar; em vista de todos serem unica e exclusivamente simpáticos *spormen*.

C—ar—los Bleck

No estrangeiro succede o mesmo, e para não citarmos mais nomes, basta-nos o de F—ar—man, o grande az da pilotagem e da construção

Ar-tur.



—Porque diz você que eu sou de Lisboa?

—Ora, por perguntar se eu vendo «cravão» e onde se pode beber «auga».

DA GERAL...

«Vinho Novo»

Na taberna do Maria, Vitoria subiu á scena um engraçadissimo drama-bebedeira em três actos.

Nesta peça faz de galá a D. Hortense Luz e de ingenuo o Antonio Gomes do Maria Vitoria, que continua fazendo a apologia das bebidas alcoholicas em geral e do vinho novo e da carne de equideo em particular.

Santos Carvalho e Alberto Ghira, dois bebedos incorrigiveis, declararam á plateia serem os organizadores dos festejos a realizar brevemente, solenizando um novo centenário de Baccho.

D. Maria Cristina, um estilizado cálice do Porto, também debaixo da influencia dos vapores e navios alcoholicos, diz-nos que é sua resolução ficar para tia. D. Ema de Oliveira, porém, diz que não é trouxa e que ainda vai para o Brasil.

E como se a bebedeira no palco não bastasse, alguns individuos que não eram da *claque*, provavelmente também embriagados, á porta do teatro ofereciam de *boria* varios bilhetes de entrada, com a condição de os favorecidos aplaudirem os finais da acto e abafarem qualquer sussurro provocado por um tal chefe de 40 ladrões...

Em resumo:
O *Novo Vinho* é uma engraçada bebedeira que dispensa soda... mas que não teve o prazer de ver, porque eu sou pobre, a empresa não dá entradas de favor e eu não aceitei o bilhete de *boria* porque sou incapaz de fazer freles a qualquer pessoa!

«O Martirio do Rafael»

Rafael Marques, aquele conhecido actor que abandonou a gerencia dum armazem de vinhos licorosos para se dedicar novamente ao teatro, para arreliar o emprezario Ruas voltou de novo ao Apolo e, para demonstrar ao publico que era uma vítima das sociedades... artisticas, escolheu a peça *O Martirio do Calvario*, sem consideração alguma pelo publico, que já considera um grande martirio e um torricolado calvario gram todos os anos aquela cebolada peça.

Este drama, que meto num chinelo o filme *O rei dos reis*, se não tivesse outros atractivos, bastaria o do Teodoro Santos a fazer de Judas para vermos aquela sala de espectáculos ás moscas. Os efeitos de luz do *empresario Saraiva* eliminam o brilho do Sol que, despeitado, esteve alguns dias sem dar sinal de si. Quanto o trovão *sibila* e o raio *estrondeia*, o pobre do Rafael Marques faz um *esgar*, deixa cair pelas faces carminadas meia duzia de lagrimas e diz para o publico: «Perdoai-nos, Senhor!»

Escusado será dizer que o publico acredita e o Magalhães da *claque* faz um barulho de seicentos mil diabos, aplaudindo freneticamente aquele Nazareno da Mouraria que tem o arrojo de armar em martir com uma barriga daquelas!

Carlos Alves, Octavio Bramão, Abilio Baptista e outros, com aquela amizade teatral que nós conhecemos, ajudam a aumentar o martirio do pobre Rafael Marques, que para bonda da sua gordura e para socego do publico prometeu não tornar a cair noutra. Amen!

Rociz.



—Ha muito tempo que ele é teu noivo?

—Não sei bem. Não sei se o encontrei na rua 24 de Julho a 5 de Outubro, se na Avenida 5 de Outubro a 24 de Julho.



O que se diz e o que se não deve dizer...

As mentiras do desafio de 1 de Abril

No dia 1 de Abril — dia das pétas — jogaram no Estadio um *team* português e um *team* argentino.

Foi bem escolhido o dia para a realização do desafio. Dizia-se que era um *match* internacional. Era mentira! Foi um encontro de ocasião, negociado por uma entidade intermediária e em que o nosso *team* não era integralmente o representativo — e muito menos o era o argentino...

Dizia-se que era o I Portugal-Argentina. Era mentira! Porque o I *match* pressupõe a ideia de continuidade e este primeiro pode bem ter sido o ultimo...

Dizia-se que havia um grande entusiasmo pelo jogo. E era mentira!

Dizia-se que os argentinos eram melhores que os uruguaios. E era mentira!

Dizia-se que a linha de *forwards* dos visitantes fazia *goals* de toda a maneira: — de frente, de costas, de lado e á borda... das rédes. E era mentira!

Dizia-se que iam perder por cinco a zero. E era mentira!

E, depois do *match*, se disse que o resultado obtido leva a crer que devemos ir a Amsterdã fazer maravilhas. E isto também é mentira!

* * *

Este desafio de *foot-ball* realizado no dia 1 de Abril fica, pois, célebre como *record* da mentira.

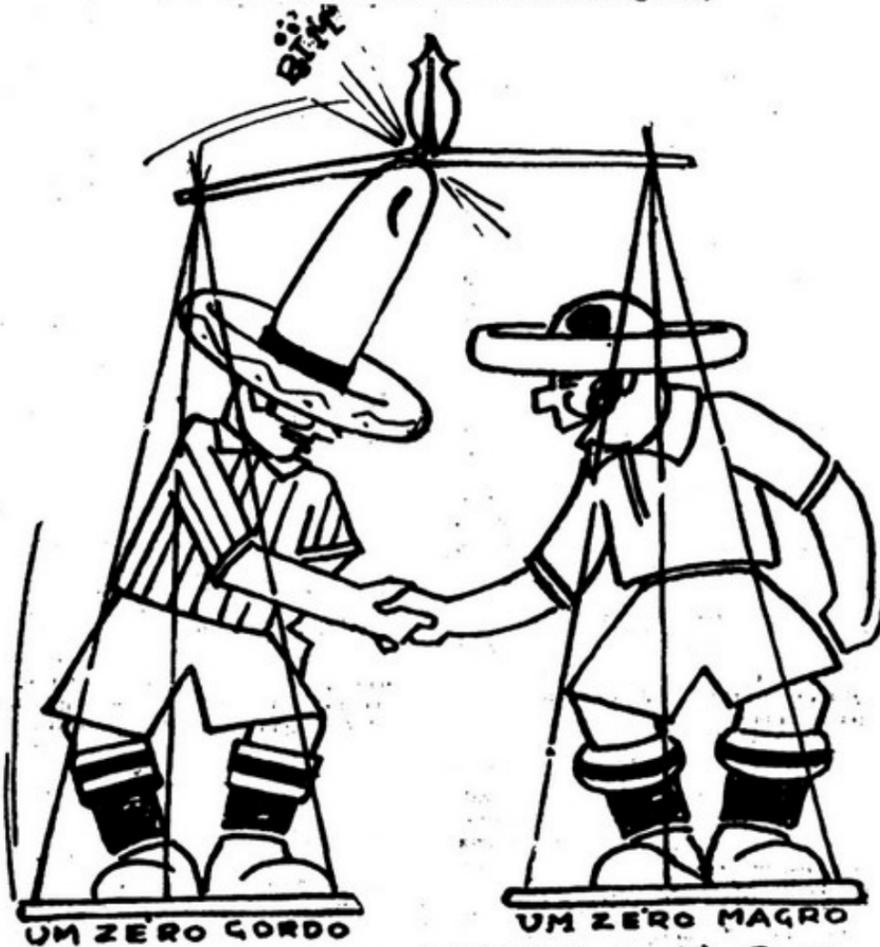
Disse-se até que alguns *internacionais* haviam exigido determinada quantia para jogar... E isto não é verdade!

Disse-se que os argentinos ficaram furiosos com o resultado e amaldiçoaram a hora em que aceitaram o *match*. E isto não é verdade!

Disse-se que o Comité Olímpico, sempre tão avesso ao *foot-ball*, se reconciliou com ele, desta feita — por ter ido a meias nos lucros líquidos. E isto não é verdade!

E ha quem diga que se Roquete não

O—O
(Note-se que estes zeros não são iguais)



Um encontro virgem... e de equilíbrio (aparente)...

N. da R. — Rapazes... tratem do fôlego.

defende o *penalty* — o arbitro teria ido receber curativo ao hospital, em vez de ir para o banquete receber

orações... E isto: também não é verdade...!

Por via deste encontro com um

team argentino, falou-se muito em *amadorismo* e *profissionalismo*. A historia da exigencia de dinheiro para jogar foi discutidissima — mas em voz baixo, por causa das moscas... e de Amsterdam...

Mas a verdade é que aqueles argentinos, que podem andar cinco meses a passear, também são uns *amadores* muito engraçadinhos...

Está definitivamente provado que os *footballers* continentais, como os sul-americanos, não tem que aprender com os *profissionais* ingleses e escoceses. Porquanto, se alguns deles estão ainda muito *meninos* no trabalho da bola — em outros manejos se revelam: *meninos-prodigios*...

Porque afinal, em todo o continente europeu, como na America do Sul, os bons jogadores são pagos como em Inglaterra. São talvez mais mal pagos — mas são pagos.

Embora haja quem afirme que alguns ultrapassam os mestres — senão no fundo, ou na importancia dos *fundos* — pelo menos, nos processos...

Os *profissionais* do continente e America tem ainda sobre os britânicos, uma superioridade enorme — a superioridade de receber dinheiro, continuando a ser: *amadores*!

Podiam até adoptar como divisa: — *Sede pagos e sereis considerados*!

Os *profissionais* ingleses são pagos abertamente — brutalmente. Os seus nomes aparecem nas listas dos *trespasses*. São tratados como mercadorias. Não ha, para eles, a minima consideração.

Os jogadores continentais, pelo contrario, são solicitados com respeito.

Algumas vezes, até, para os não melindrar, se lhes paga por meios indirectos. E os que lhes pagas tem um certo receio de que eles não aceitem os presentes...

Deve reputar-se este *receio*: — um pouco *excessivo*...

Rebola-A-Bola.

Humorismo em Portugal



— Porque dizes que é uma pedra de Glozel. Tem alguma inscrição que o demonstre?
— Tem. Tem um projecto de ponte sobre o Tejo...



— E o doutor acha que eu, com gôta, possa tomar banhos de mar?
— Não vejo nisso inconveniente. Que mal faz ao oceano uma gôta a mais...



— Então você não sabe que, esfregando a pele dum gato, saltam pequenas faiscas?
— Não sabia e fez bem em me dizer porque não tenho pedra no isqueiro...



— Bote aqui meias solas, mas que sejam muito macias.
— P...
— Porque é com estes que a minha mãe costuma bater-me...

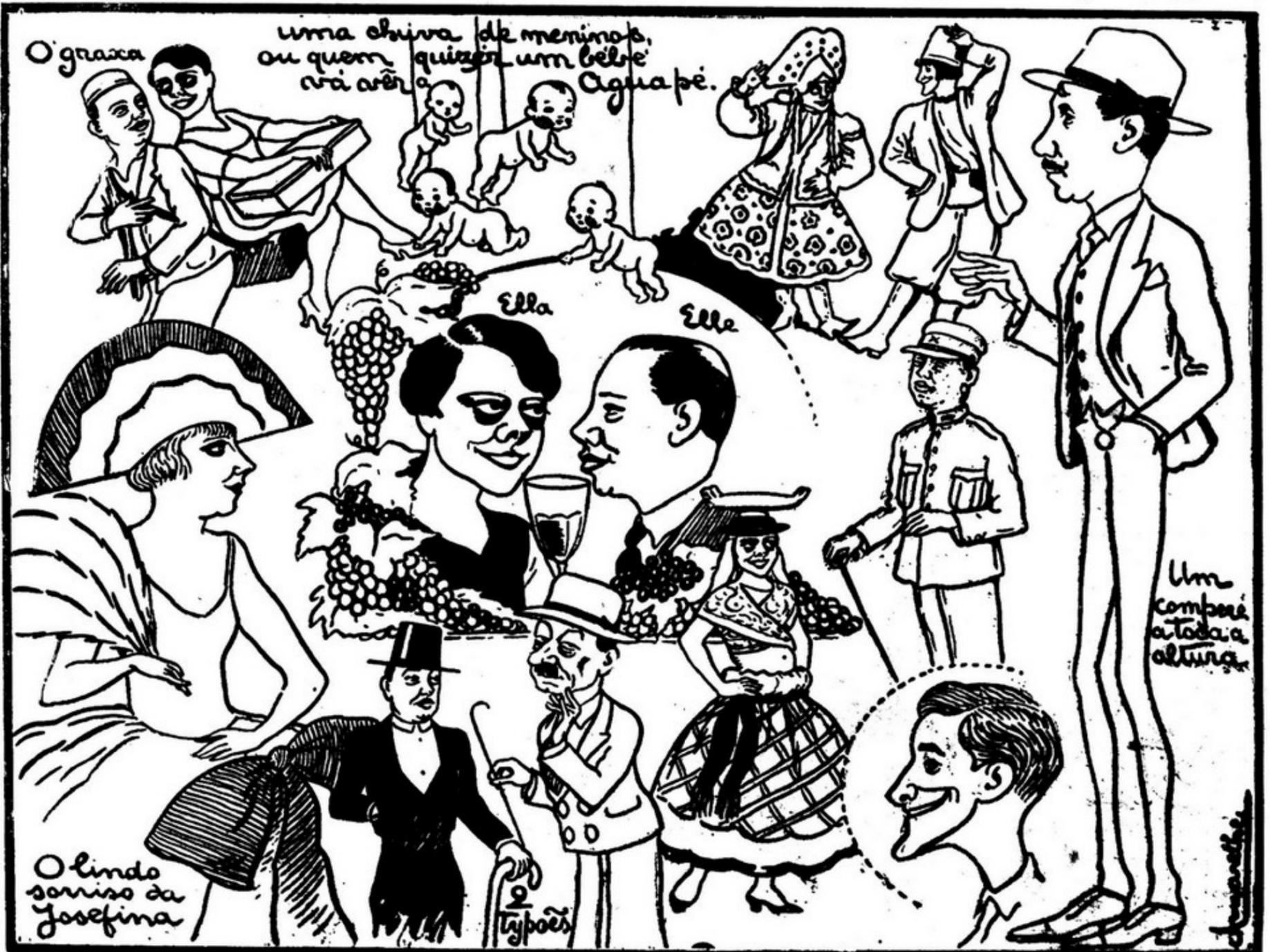


- E lembrar-me eu que esta foi, no meu tempo de rapaz, a mais gentil e elegante «cocotte» que aparecia em Lisboa.



- Esta minha filha tem muita habilidade para a pintura...
- Talvez, mas abusa muito do «rouge».

O segundo barril da «Água-pé»,



O graxa

Uma chiva de meninos, ou quem quiser um belê «Água-pé» na arêa

Ella

Elle

Um compe a toda a altura

O lindo sorriso da Josefina

2 tipos

Uma «Água-pé» que não tem agua nenhuma e muito menos pé... E' vinho e do bom! Todas as noites o Estevam e a Luiza o dão a beber em plena Avenida